



Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
Brasil

Maroni, Amnéris

A difícil trajetória da mulher no patriarcalismo

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 10, núm. 2, junio, 2007, pp. 219-230

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017594003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A difícil trajetória da mulher no patriarcalismo

Amnéris Maroni

Abordo a “inveja do pênis” a partir de duas escolas de psicologia profunda: a psicanálise e a psicologia analítica. Interessa-me, sobretudo, o desenvolvimento emocional e mental dessas mulheres. Enfatizo três categorias: o furor julgador, o pensamento penetrante e o pensamento acolhimento. Essas três modalidades de experiência emocional e mental estão referidas, no artigo, ao real, à realidade interna e externa. O furor julgador desencadeia, através de opiniões irrefletidas e tradicionais, ataques à realidade externa e interna, ataques aos elos de ligação. O pensamento penetrante tenta inquirir, penetrar nos segredos da realidade vista como ambígua, indiscriminada, obscura, inconsciente. Com o pensamento acolhimento o real é colhido na própria fonte; o real se dá (con)junto ao pensamento.

Palavras-chave: Inveja do pênis, animus negativo, complexo materno, furor julgador

Introdução: dois lados da moeda

“É porque sou mulher. Entendam por aí: não tenho pênis, daí minha fraqueza, minha inércia, minha falta de inteligência, meu estado de dependência, até mesmo minhas doenças”. E ainda: “Não sei por que tenho essa impressão... já que isso não tem correspondência alguma com a realidade, mas era sempre assim para mim...” (Torok, 1995, p. 132). Essas frases resumem a dor lancinante das mulheres que sofrem da *inveja do pênis* não de forma episódica, mas central, quando essa inveja monta a subjetividade feminina e torna-se o centro mesmo do tratamento. Maria Torok analisou e compreendeu brilhantemente a questão, no artigo cujo título é “A significação da ‘inveja do pênis’ na mulher”, incluído no livro *A casca e o núcleo*. As queixas dessas mulheres permitem entrever o sofrimento causado pela sua (delas) incompletude, frustração quanto à capacidade de desenvolverem *projetos próprios e também à dependência que desenvolvem em relação ao masculino*. Com competência Maria Torok nos oferece um dos lados da moeda. Na análise de muitas mulheres encontramos outro lado da moeda, que ofereço ao leitor no presente artigo. Foram muitas as que disseram: “Sou mulher. Entendam por aí: sou poderosa, inteligente, auto-suficiente, independente. Não me falta nada... Os homens? Coitado dos homens; são quase dispensáveis...”. E, todavia, queixam-se; não de falta e de dependência, mas do inverso: auto-suficiência e abundância assustadora. Assustam o mundo e a elas mesmas.

A moeda que apresentamos é, todavia, de difícil sucesso analítico porque são mulheres de muito sucesso profissional, inclusive social; e, claro está, pouco sucesso afetivo. O que mais me interessa na discussão que segue é a *estrutura mental – e também emocional – dessas mulheres*.

Num primeiro momento, reponho a rica e preciosa contribuição de Maria Torok, que, por sua vez, retoma Sigmund Freud e, então, os autores pós-freudianos (com ênfase em Melanie Klein e Ernst Jones). Universal, a inveja do pênis aparece na análise de todas as mulheres; em algumas, porém, torna-se o centro da questão subjetiva. Com os pós-freudianos, entretanto, a inveja do pênis ganhou uma saída através do *acesso ao genital* na mulher – compreenda-se por isso o acesso à potência que lhe é própria.

Em seguida, apelo para a contribuição de C. G. Jung em um livro memorável intitulado *Os arquétipos do inconsciente coletivo* e, em particular, o capítulo “Aspectos psicológicos do arquétipo materno” (CW 9, I).¹ Para Jung, é na *defesa contra a mãe* – e, portanto, contra todos os seus instintos femininos – que a filha, ao se masculinizar, busca um refúgio que almeja ser definitivo: o desenvolvimento da inteligência.

O desejo pode ser saciado, a inveja nunca

A idéia que acaba se impondo a Freud, segundo Torok, depois de tentar em vão reduzir esse obstáculo, que é a cobiça de um objeto por natureza inacessível no tratamento, é que haveria uma “inferioridade biológica efetiva do sexo feminino”. Ou ainda, desde outro ponto de vista, Freud conclui no mesmo sentido, quando insere, entre as fases anal e a genital, uma fase intermediária, a fase fálica: semelhante para os dois sexos e inteiramente voltada para o membro viril. Nessa fase há um único sexo, o sexo macho e, a partir disso, compreende-se o despeito ciumento da menina por não tê-lo. Haveria, então, um falocentrismo psicobiológico inerente à própria fase fálica e, por isso, na perspectiva analítica de Freud, o tratamento redundaria num *impasse*.

A autora também me faz compreender como a *experiência* é o que de fato funda a psicanálise; e é exatamente aí, na experiência, que Freud encontra a razão suficiente para o que chama inveja do pênis e então o ódio da mãe que, na hipótese da menina, é tida como responsável pelo seu estado de “castração”. Essa experiência é a “descoberta pela menina do sexo do menino” (Torok, 1995, p. 129). Maria Torok enfatiza, porém, que há um *momento fecundo* no qual essa experiência acontece para acabar em *inveja irreduzível durante toda a vida*.

É com Jones e Melanie Klein que sinto um certo alívio em Maria Torok, já que os primeiros teriam o “grande mérito de não mais considerar a inveja do pênis como irreduzível” (ibid.). A análise com os pós-freudianos, ao “re-propor” a primeira relação materna (desconflituando a introjeção do seio), esvaziaria a razão de ser da inveja – e da inveja do pênis em particular. Também com esses autores, Torok enfatiza o seguinte: a tarefa da análise é encontrar por detrás da

1. A abreviatura CW se refere a Jung, Carl Gustav. *The Collected Works*, traduzido para o inglês por R. F. C. Hull, editado por H. Read, M. Fordham, G. Adler, W. McGuire. Bollingen Series XX, vols. 1-20. Princeton: Princeton University Press e Londres: Routledge & Kegan Paul, 1953ss (parágrafos numerados). Indicaremos o número do volume e o número do parágrafo em que se encontra o trecho citado: (CW..., §...).

coisa (o pênis, o seio) o desejo que, ao mesmo tempo, ela (a coisa) nega e realiza.

Por mais alienado, por mais estropiado que se tenha tornado, há um desejo subjacente à inveja do pênis. A inveja do pênis é uma invenção, um obstáculo, um sintoma suscitado por um “penoso estado de falta”: um desejo não realizado. É preciso, então, interrogar o sintoma. Começará por contar a respeito do ódio voltado para a mãe. Esse ódio e aquela inveja caminham juntos nas narrativas. Interrogando-o, também dou-me conta da *idealização do pênis*. A inveja do pênis é sempre a inveja de um pênis idealizado.

A toda idealização corresponde um recalçamento como contrapartida. O recalçamento (o interdito) atinge precisamente *as experiências do corpo com o próprio corpo; um desejo refratado sobre uma barreira intransponível* (Torok, 1995, p. 133). Essa parte de si interdita não é senão o seu próprio sexo atingido pelo recalçamento. Com isso, as etapas da maturação afetiva (as experiências que deveriam preparar e elaborar o projeto genital e as identificações) são bloqueadas: a “parte preciosa” de si foi recalçada.

Quem lucra com esse recalçamento? Ele se dá em proveito de quem? Da mãe, obviamente, como testemunha o ódio que lhe é devotado. É à mãe que a menina se dirige em sua exigência: “Eu quero essa coisa”. Como diz Maria Torok: “... a vaidade da solicitação em sua forma e em seu fundo implica uma garantia concedida à Mãe: seus privilégios serão mantidos” (p. 134). Ora, o que é cobiçado, *agora fica claro, não é a “coisa”, mas os atos que permitem dominar as “coisas” em geral*. A filha, assim, aliena em proveito da mãe – no decorrer da relação anal – *seus atos de domínio esfinteriano. Resulta então uma agressividade inusitada e também culpa*.

A defesa contra a mãe

Jung lê na relação mãe e filha processos de base presentes ao longo da vida da filha. No capítulo “Aspectos psicológicos do arquétipo materno” (CW 9, I), Jung discute várias modalidades possíveis dessa relação. Ater-me-ei a um tipo de relação: a que produz as mulheres masculinizadas – o correspondente junguiano da *inveja do pênis*, na psicanálise. Desde já enfatizo o essencial na diferença entre as duas escolas de psicologia profunda: na concepção junguiana a *defesa contra a mãe* é primitiva, originária mesmo. Na psicanálise, quando a “menina descobre o sexo do menino” já há alteridade e a diferença é descoberta no seio da semelhança, ou seja, tanto o menino como a menina estão já sexualmente marcados.

Nessa relação entre mãe e filha não se trata *tanto* de uma exacerbação ou de um bloqueio dos instintos femininos, mas de uma *defesa contra a supremacia*

da mãe; tal defesa prevalece contra tudo mais. É o exemplo típico do chamado *complexo materno negativo*. Tudo o que é vital, toda a energia psíquica da filha, concentra-se na mãe *sob a forma de defesa*, não se prestando, pois, à construção de sua própria vida. É esse tipo de defesa que explica a liberação de intensa destrutividade – capaz de cindir, dissociar o indivíduo de si mesmo, de uma parte de si mesmo, sua parte mais preciosa: a feminilidade, o erotismo, a sexualidade, a maternidade. A primeira configuração da destrutividade é então auto-destrutividade. As cisões e dissociações de base, uma vez inscritas no psiquismo, manter-se-ão à custa do desenvolvimento de uma “maquinaria de ataques”: ataques a vínculos – genialmente discutidos por Bion, no artigo “Ataques à ligação” (Bion, 1994) – dirigidos para as relações sociais, principalmente para as relações eróticas, e ataques dirigidos para o mundo interno: as quebras dos vínculos internos, seguidas de períodos de desconexão, serão encenadas e repetidas.

Nas filhas que se defendem da mãe verifica-se um desenvolvimento espontâneo da inteligência, com o intuito de criar uma esfera na qual a mãe não tenha acesso. De alguma maneira a filha, para sobreviver psiquicamente ao lado dessa mãe, precisa construir um espaço psíquico próprio vedado à mãe, uma espécie de esconderijo. O desenvolvimento intelectual é acompanhado de uma emergência de traços masculinos em geral (CW 9, I, § 171).

Jung (1953) descreve os complexos como pequenas ilhas de fantasias – pequenas cisões com um colorido afetivo e imagético particular – que se tornam visíveis na clínica; são fortemente afetivos e capazes de atuar sobre o eu como uma possessão. Efetivamente, formam-se na relação do eu com o mundo e são “produtos” de traumas que, nas palavras do autor, “arrancam fora um pedaço da psique” (CW 8, § 204). O complexo materno negativo é particularmente poderoso nas mulheres e monta um destino. Essas cisões muito primárias são muito difíceis no trabalho analítico; como um “corpo estranho”, um complexo materno negativo atua através de possessões; a cada atuação reforça sua cisão. Agiganta-se e não raro domina a cena psíquica. Tendo como prioridade a *defesa contra a mãe*, também bloqueia e inibe os instintos femininos na menina. Parece-me óbvio que esse “corpo estranho”, ao se instituir como uma defesa, tenta proteger algo. O quê? Difícil pensar, com Maria Torok, que essa defesa recalca um desejo!

E o pai? Por onde andará o pai, marido da mãe? Possivelmente o pai, *se sobreviveu ao lado dessa mãe*, desenvolveu também um esconderijo, um refúgio psíquico. Está, pois, aparentemente ausente. O encontro psíquico entre pai e filha dar-se-á no porão, quero dizer, no fato de ambos terem a mesma estratégia de sobrevivência: o esconderijo não acessível à mãe. A “sobrevivência no porão” – essa maneira tão particular de defender-se da mulher/mãe – tem muito a contar a respeito da *presença, às vezes maciça, do pai no psiquismo da filha!* Além disso, como veremos ao longo do presente artigo, o animus, a contraparte sexual

masculina inconsciente na mulher, é herança paterna e corresponde à razão e ao espírito: o *logos*.²

Posso, agora, fazer questões inquietantes: que tipo de fundação do eu é possível nessa subjetividade? Como é esse eu – ele também um complexo – que, no momento mesmo em que se institui, está produzindo um gigante de energia: o complexo materno negativo. Que tipo de eu pode-se fundar, desde sua origem, lutando e defendendo-se da mãe?! E a mais inquietante das questões: por que a menina se opõe tão violentamente em relação à mãe, por que toda a sua energia defende-se da mãe? Que tipo de mãe é essa? Nas narrativas terapêuticas que estruturam o presente escrito *as mães não são acolhedoras do feminino: em si mesmas, na menina e como metáfora do mundo*. As filhas se percebem quando vivem esse tipo de complexo (materno negativo), desde sempre, como extensão da mãe, sem direito à existência, à autonomia. A identificação com a mãe, com essa mãe – extensão ela mesma do patriarcalismo –, representaria a morte (psíquica) da filha. Gilberto Safra, psicanalista winnicottiano, permite-nos esclarecer essa questão: a relação mãe-bebê acontece na família em direção ao mundo, diz ele. Quer dizer que o *holding* é “oferta do mundo” através da mãe. E ainda: a “falha do *holding*” pode estar muito longe da mãe, pode estar na família, na sociedade, no mundo, na cultura.³ A “falha do *holding*” pode estar no patriarcalismo, na cultura patriarcal representada pela mãe! O que me importa ressaltar é o caráter originário dessa experiência entre mãe e filha. Fico à vontade para explicar essa questão com M. Balint: trata-se de uma “atmosfera” vivida pela criança; e essa “atmosfera” é tão originária que não é possível falar-se em objetos (eu-criança e objeto-mãe), não é possível supor alteridades (Balint, 1993).

2. Cito Jung: “... designei o fator determinante de projeções presente na mulher com o nome de animus. Este vocábulo significa razão ou espírito (...) corresponde ao Logos paterno (...) provoca mal-entendidos e interpretações aborrecidas no âmbito da família e dos amigos, porque é constituído de opiniões e não de reflexões. Refiro-me a suposições apriorísticas acompanhadas de pretensões, por assim dizer, a verdades absolutas. Como todos sabemos, tais pretensões provocam irritações. Como o animus tem tendência a argumentar, é nas discussões obstinadas em que mais se faz notar a sua presença (...) O pai (= a soma das opiniões tradicionais) desempenha um grande papel na argumentação da mulher. Por mais amável e solícito que seja o seu Eros, ela não cede a nenhuma lógica da terra, quando nela cavalga o animus” (CW 9, II, § 29).
3. Observações retiradas do módulo “Do *holding* à sustentação da experiência de si: entre o ser e o não ser”, ministrado pelo Prof. Dr. Gilberto Safra, no Curso de formação, PROFOCO 2006, Editora Sobornost, realizado no Espaço Cultural Santo Agostinho, em São Paulo, em 1/4/2006.

No lugar do útero, o falo

Essas mulheres, a subjetividade dessas mulheres, são verdadeiros aleijões: a instintividade – como disse Maria Torok, a sua “parte mais preciosa” – não se desenvolve e não amadurece; sem auto-estima e recusando-se a si mesmas, sem sentir o prazer de viver que só uma base própria, instintiva, permite, desenvolverão o que Jung chama um “animus negativo” – como já visto, o animus é um arquétipo, um complexo autônomo: a contraparte sexual masculina na mulher. O animus é algo que todas as mulheres enfrentam e no processo terapêutico precisa ser trabalhado; para as mulheres com complexo materno negativo, é uma verdadeira “prótese psíquica” que tenta – desajeitadamente – ajudar um eu cheio de lacunas, já que a identificação com a mãe foi recusada desde a base.

De novo Bion: a frustração nos leva a pensar – ou não! Tudo depende de nossa capacidade de tolerar a frustração – que não é senão o contato com a realidade. Depende disso, do grau de tolerância, a decisão seguinte: fugir da frustração ou modificá-la. Se há capacidade de tolerar a frustração há também pensamentos e, então, o desenvolvimento de um aparelho para pensá-los.

A primeira característica de uma mulher *animus negativo* é o agigantamento do “mundo das opiniões” – não são de fato pensamentos, mas *opiniões irrefletidas e não raro devedoras da tradição*. Estão simplesmente prontas – prontas para serem usadas como armas de ataque. Esse agigantamento por si mesmo denuncia uma dissociação. É perceptível na mulher que essas opiniões, que estão longe de serem representantes do pensamento, “pairam solitárias” em relação ao seu corpo e às suas verdadeiras emoções. A questão, porém, não pára aí, pois o afeto-bruto-em-palavras-projéteis é extremamente desorganizador do aparelho de pensar. Bion ajudou-me muito a compreender o que aí se passa: o ataque a vínculos da forma descrita, como furor julgador levado a cabo pelo animus negativo, é um ataque à própria realidade, uma forma de recusá-la, uma forma de demonstrar o ódio à realidade, à realidade afetiva, à realidade dos vínculos. Ao atacar assim a realidade externa, a mulher-furor-julgador está a atacar aquilo que lhe permite contatar a realidade, está a atacar o seu ego-corpo e o próprio aparelho de pensar. O ataque, todavia, não é só externo; não raro, o ataque interno e direto ao ego e ao aparelho de pensar ganha força, tornando-se uma espécie de vício, vício onipotente.

Quando não estamos dissociados e cindidos, o pensamento, ele mesmo, dói, machuca, surpreende, cura, enobrece, alegra; nesse caso, o pensamento é multifacetado – como a vida. Não dissociado, o pensamento muda, se transforma – não é dogmático. Dissociado do corpo, das emoções, o pensamento é inflexível e cheio de certezas. Esta é a *segunda característica*.

Se nossas emoções estão disponíveis, podemos viver e, talvez, tolerar a experiência de frustração. A realidade frustra e então aprendemos com a

experiência: pensamos. E o pensamento se transforma. Dissociado do corpo, das emoções, o pensamento é dogmático. O campo interativo que pode se formar a partir disso, já vimos, é sempre destrutivo; o “tribunal de opiniões” encarrega-se dessa destruição.

O *self* grandioso e o “incrível exército de Brancaleone”

Costuma trazer também junto com essa onipotência do *logos* e de sua capacidade realizadora um “incrível exército de Brancaleone”: seres anímicos maltrapilhos, feridos, loucos, doentes, ridículos, lamurientos. Com esta última aparição a personalidade dissociada e onipotente mostra-se definitivamente. No social, no profissional, esta mulher é poderosa e onipotente – e o tipo dessa onipotência, estou insistindo, não corresponde a uma cisão qualquer, mas a processos de dissociações profundos que têm a mãe como principal fator de defesa; além disso, ela conta com uma “prótese psíquica” (o animus negativo, destrutivo), que tenta desajeitadamente apoiar um ego muito frágil. Essa onipotência, todavia, permite-lhe brilho e sucesso profissional. Ela não se lamenta porque lhe falta algo como as pacientes de Maria Torok. Ao contrário, mostra-se, neste setor (o profissional e, também, o intelectual), poderosa, auto-suficiente, brilhante. O que brilha, então, é uma espécie de “*self* grandioso” – como o proposto por Kohut (Ramos, 2001, p. 19). É esse *self* grandioso que esconde, que oculta do mundo o incrível exército de Brancaleone – fruto da destrutividade de base.

Torok diria que essas mulheres onipotentes e se “realizando” socialmente estariam muito mal analisadas, já que incapazes de reconhecer que atuam um falso desejo e, com isso, desconhecem seu efetivo conflito; diria, também, que a análise e o analista podem estabelecer uma cumplicidade com esse falso desejo, proclamado pela inveja, e que recebe um simulacro de satisfação. Nas suas palavras: “O problema da análise é justamente descobrir um desejo autêntico, mas cheio de interdito, que jaz enterrado sob os extertores da inveja” (Torok, 1995, p. 129). Pergunto-me: será que podemos falar ou supor esse “desejo autêntico”? Será que podemos supor um “desejo” na mulher animus negativo? Se fôssemos convidadas a falar psicanaliticamente, diríamos que as mulheres “realizadoras” não idealizam o pênis e choram por não tê-lo; antes se identificam e incorporam a própria idealização e “constroem um mundo”, um mundo “falso-brilhante”, porque desmorona – se é que desmorona! –, mas enquanto dura ninguém sabe que é falso, muito menos elas, as mulheres “realizadoras”. Não há um “desejo autêntico” a ser recuperado! Seria simples se fosse assim.

Identificadas com a “prótese psíquica”, com o animus negativo – com o pênis idealizado –, com a onipotência realizadora, essas mulheres não se deixam abordar por aí. Estou supondo que a *defesa contra a mãe* descrita por Jung é um processo muito mais primitivo e demanda outra estratégia analítica.

Na dissociação entre a onipotência e o “exército de Brancalone”, a mulher animus se alia ao que chamamos anteriormente de *self* grandioso. Ela tem e sente como se tivesse um espinho a torturá-la e, todavia, os aplausos sociais, o brilhantismo mesmo do intelecto, o sucesso profissional são suficientemente poderosos para manter sem voz o “exército de Brancalone” (fruto, insisto, de sua imensa destrutividade, autodestrutividade). As mulheres que têm um *logos* grandioso – fruto da defesa contra a mãe – em geral se apresentam com este “*self* grandioso” – ou narcisismo libidinal – e escamoteiam a própria destrutividade que, de fato, torna-as muito infelizes, inseguras, sem alegria de viver e sem vínculos reais, afetivos. Maria Torok não discordaria disso; eu, porém, discordo da autora, já que o “exército de Brancalone” não pode ser tomado como desejo!

No lugar do falo, o útero

227

É possível reverter esta dramática situação? Seguramente a análise tem essa função: no lugar do falo, o útero. E ambos não como objetos parciais, não como objetos-concretos, mas como metáforas, respectivamente, da penetração e do acolhimento – *o acolhimento do próprio complexo materno-negativo e, então, de seu próprio destino*. Esta *mudança de lugares* (do falo para o útero) será discutida a partir de diferentes perspectivas.

Para Jung (1953), a vivência do complexo materno negativo faz com que a filha não lute tão-somente contra a mãe, mas *rebele-se contra tudo o que brota do fundo originário natural* (CW 9, I, § 184). E, todavia, o próprio Jung confia que uma “experiência de vida maior” poderá levá-la a *renunciar a combater a mãe*. Esta é a chave; esta é a viravolta. O que implicaria *tal renúncia*?

É preciso uma pausa, pausa que dê conta dessas passagens: *furor julgador, pensamento penetrante e pensamento acolhimento*. O *furor julgador* é o estágio mais primitivo da mulher complexo-materno-negativo; nessa fase, os ataques a vínculos (internos e externos) são infinitamente repetidos. A destrutividade dos *elos de ligação* – expressão de Bion – é a estranha forma que essa mulher tem de caminhar. Quando o *furor julgador* cede, ou começa a ceder, no seu lugar o *pensamento penetrante* tende a se desenvolver; como o próprio nome diz, *esse pensamento penetra, falicamente, no obscuro, no ambíguo, no instintivo, no inconsciente – e tenta trazer tudo isso à luz, discriminando*. Aparentemente, todo

o esforço agora, através do pensamento penetrante, é para *contatar a realidade interna e externa que antes era negada*; o insuportável agora parece ser a névoa que paira, os véus que cobrem, o nebuloso que oprime. E, todavia, é ainda uma forma muito fálica e onipotente de viver a vida e estar no mundo, pois também o pensamento penetrante produz, inevitavelmente, frustração, já que o instintivo, o obscuro, o ambíguo, o inconsciente só faz renovar-se no mundo interno e no mundo externo; e, desta forma, ainda uma vez, *a realidade – tanto interna quanto externa – lhe escapa*. A realidade continua, pois, sendo o desafio: dela a mulher complexo-materno-negativo tentou escapar e dela tentou se aproximar. Nem fuga, nem contato com a realidade foram possíveis: esse é o drama da mulher animus negativo. Para que haja o agora tão desejado contato com a realidade um novo passo precisa ser ensaiado: o *pensamento acolhimento*.

A inteligência da mulher cuja defesa básica é contra a mãe pode ser uma aliada do processo analítico, ajudando-a a florescer num outro patamar emocional. *A viravolta está exatamente na renúncia ao combate da mãe pessoal e também na renúncia ao combate da mãe impessoal – refiro-me a tudo que é ambíguo, obscuro, instintivo, inconsciente*. No melhor dos casos, até que essa renúncia se insinue e seja de fato uma conquista, a mulher complexo-materno-negativo desenvolverá, como vimos, uma inteligência apolínea e discriminadora em relação ao mundo do inconsciente reprimido e, em relação ao mundo arquetípico, inato, coletivo. Esta ânsia de chegar ao “fundo do fim” leva-a, porém, a um novo paradoxo: o caráter inacessível inscrito no novo objetivo.

Esta inacessibilidade faz a mulher complexo-materno-negativo percorrer mundos, atravessar fronteiras impensáveis. O inacessível, porém, só faz renovar-se; renova-se com outra face sempre que o *pensamento penetrante* investe contra ele, tentando desvendá-lo. O inacessível torna-se por fim mistério, o mistério da vida. Quando o *mistério é aceito* como tal, como mistério, algo novo brota dessa aceitação: a ruptura mesmo. Só então essa inteligência pode ser ela também feminina: acolhimento do que brota ou irrompe da alma primordial; colo receptivo e gerador que permite recriar o desconhecido numa forma conhecida. Com o *pensamento acolhimento* o real é colhido na própria fonte.

Jung (1953) acredita na redenção, entendida no sentido etimológico da palavra: “restituir algo que lhe é de direito”; Jung sugere que as mulheres nessa modalidade do complexo materno negativo – na linguagem da psicanálise, as que vivenciaram a inveja do pênis – perdem parte da vida, mas salvam o seu sentido (CW 9, I, § 186), pois *podem vir a conquistar* os dois lados: o masculino e o feminino. É possível fazer uma “aposta terapêutica” nessa direção; porém, é só uma aposta. Nas palavras do autor, essas mulheres podem vir a conquistar uma “rara combinação de feminilidade e inteligência masculina”. Não é pouco.

Referências

- ABRAHAM, Nicolas e TOROK, Maria. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.
- BALINT, Michael. A área da falha básica. In: *A falha básica – aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- JUNG, Carl Gustav. *The Collected Works*, traduzido para o inglês por R. F. C. Hull, editado por H. Read, M. Fordham, G. Adler, W. McGuire. Bollingen Series XX, vols. 1-20. Princeton: Princeton University Press e Londres: Routledge & Kegan Paul, 1953ss. [CW 8 – *The Structure and Dynamics of the Psyche*; CW 9, I – *The Archetypes and the Collective Unconscious*; CW 9, II – *Aion*].
- RAMOS, Maria Beatriz Breves. *Uma introdução à psicologia psicanalítica do self – a teoria de Heinz Kohut desde as suas origens em Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- Torok, Maria. A significação da “inveja do pênis” na mulher. In: ABRAHAM, Nicolas e TOROK, Maria. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.

Resumos

Abordo la “envidia del pene” a partir de dos escuelas de psicología profunda: el psicoanálisis y la psicología analítica. Me interesa principalmente el desarrollo emocional y mental de esas mujeres. El foco de mi investigación es orientado a tres categorías: el furor juzgador, el pensamiento penetrante y el pensamiento acogedor. Estas tres modalidades de experiencia emocional y mental entran en relación con la realidad – exterior y interior – de diferentes maneras. El furor juzgador desencadena, a través de opiniones irreflexivas y tradicionales, ataques a la realidad exterior y interior, ataques a los eslabones de conexión. El pensamiento penetrante intenta inquirir, penetrar en los secretos de lo real visto como ambiguo, indiscriminado, oscuro y inconsciente. Con el pensamiento acogedor lo real es recogido en su propia fuente; el pensamiento se une a la realidad.

Palabras claves: Envidia del pene, animus negativo, complejo materno, furor juzgador

J’aborde “l’envie du pénis” à partir de deux écoles de psychologie en profondeur: la psychanalyse et la psychologie analytique. En particulier, mon intérêt porte sur le développement émotionnel et mental de ces femmes. J’aborde trois catégories: la fureur jugeante, la pensée pénétrante et la pensée accueillante. Ces trois modalités d’expérience émotionnelle et mentale se rapportent, dans cet article, au réel, à la

réalité interne et externe. La fureur jugeante déchaîne, par moyen d'opinions irréfléchies et traditionnelles, des attaques soit contre la réalité externe, soit contre la réalité interne, des attaques contre les points de liaison. La pensée pénétrante cherche à interroger, pénétrer les secrets de la réalité, tenue comme ambiguë, indiscriminée, obscure, inconsciente. Par la pensée accueillante, le réel est capté à la source; le réel est lié à la pensée.

Mots clés: Envie du pénis, animus négatif, complexe maternel, fureur jugeante

I approach the "penis envy" from two schools of depth psychology: psychoanalysis and analytical psychology. I am interested, above all, in the emotional and mental development of women. I emphasize three categories: judging rage, penetrating thought and welcoming thought. Here these three modalities of emotional and mental experience are connected to the Real, to internal and external reality. Through thoughtless and traditional opinions, judging gives rise to attacks on external and internal reality, attacks on connecting links. Penetrating thought seeks to inquire, to penetrate the secrets of reality, seen as ambiguous, indiscriminate, obscure or unconscious. Welcoming thought takes Real at its very source. The Real occurs at the same time as thought.

Key words: Penis envy, negative animus, maternal complex, judging rage